



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A EXPRESSÃO CAMILIANA

Qualquer viajor desembarca trazendo, ao menos no caderno da memória, o rol de impressões das terras andadas, e saboreia, ao depois, esmiúça-las e traduzi-las, com o recordar, na paisagem nova, do seu contentamento ou desventura de então, formando a luz do quadro, pois é balda que não poupa até o mais farrapido emigrante. Viagem espiritual é a leitura, no hábito caseiro do recolhimento, único devaneio dos transidos, e nela, ainda que modestinha, se entrevêem aspectos outros, peregrinam lugares distantes, electrizam sensações estranhas, que nos dão alor ao pensamento, êsse um velho caminheiro.

Não se toma o livro, como o transatlântico, o combóio ou a diligência provinciana, e é também uma abalada, a fugirmos de nós ou a escondermo-nos adentro de nós, serêna ou nervosa. Cada autor, como cada terra, tem suas horas, correspondentes a disposições peculiares de espírito. Se uns, viajados, estão vistos, a outros visitamos como lar de parentes ou amigos, sempre lhes descortinando inéditos, a aprofundar na intimidade alheia talvez a própria intimidade, arrimados por vezes ao seu convívio pelo desejo inelutável de um conforto seguro. Há assim páginas marcadas, e quem as não tem?, pela sua identificação a segredos que só lhes descobrimos a elas na confiança do espírito com a comoção da arte.

Também destas caminhadas mentais se torna com sarrabiscos de coisas gravadas no raciocínio. Nuns dá a costumeira a superabundante loquela que exercita e profissiona a Crítica, a Erudição ou a Conversa. Mas todos mais ou menos sofrem do achaque, se julgarmos que vem a ponto, de dizerem o que viram no que le-

ram, sendo tam pessoal a impressão do leitor como a do viajante, se nem sempre curiosa ao menos diversa.

E sendo assim...

Camilo é um dos livros a que mais se atém certa idade romaneada de amor ou já vencida no desalento pela crueza do destino — o livro da paixão e dos namorados —, de todos os namorados, porque todos o compreendem e a todos sensibiliza, que vai de mão em mão como um missal, está na choupana, na morada e no solar, fala à senhora educada e à mulher simples e rude e a ambas derrama as mesmas lágrimas, a iniciação literária mesmo de quem mal enxerga soleirar a vertigem coruscante da sua prosa.

Não porque aligasse curiosidades com a descabelada efabulação de peripécias folhetinescas ou houvesse mercadejado ao paladar vulgacho relaxamentos obscenos e picantes. Não porque ali deparássemos mais à mão com um repositório de máximas capazes de dextramente nos encarrear ao longo desta penosa jornada em terreno hostil, já cabaceada a doutrina da cartilha. Não porque a sua inusualidade, rítmicamente embaladora, nos levasse esquecidamente seduzidos, ou se desferisse vibrante aquela grandeza do sublime que nos subjuga, aos meninos e aos homens fortes.

Dona Crítica aponta na literatura portuguesa quem se lhe avante na anatomia dos caracteres, na preparação do cenário, no movimento episódico, no traço naturalista, no aritmético desenrôlo da acção, na interdependência do meio com as figuras, no despir de minuciosidades escusadas, no igual polido da forma, sem enveses declamatórios, massudas froixidões e vulcânicas belezas, nem mal enxertados rompantes de filosofice, rasgando no estilo, o reverendo estilo, as excruciações da alma.

Anda à moda intrometer no génio de Camilo um complexo misterioso que muito se afadigam em procurar-lhe. Todo êle está na sua obra e em toda a sua vida acidentada. Nem seria mister devassar-lhe profanadoramente o recôndito, com uma necrofilia voraz, para saber de quantas misérias é suada a sua grandeza, as lágrimas que estoiram nas suas gargalhadas, a tormentosa epilepsia do seu amor fulminante, passageiro e cruel, as dúvidas que o amarguraram, os caprichos

da sua azedia e a febre acesa das suas vigílias. Queria até às vezes opor um disfarce, mas era um incontido. A pena latejava com o pulso e, se o coração sangrava, escrevia com tinta de sangue. Há páginas de memórias, confidências de um diário, em muitos dos seus livros. Não pensa no leitor, está só, monologando. Chega a não estremar a realidade da fantasia, tanto a sua imaginação é criadora e objectivadora. Crava em si as mãos a desfibrar a sua tragédia — e são os seus romances. Dramatizou com a maior potência, assombrosa, de sentimento, de uma verdade nua, na angústia delirante — a mais fria escarpelização. Este o génio camiliano: o sentimento sentido, a intensidade dramática.

Hoje não talvez o mais admirado, mas é ainda Camilo o mais querido pela sugestiva, avassaladora, enternecedora e irresistível força de sentimento que nos comunica, pela participação de sentimento com que nos enreda na sua obra. Se ele está nos seus livros, também nós lá nos encontramos. As suas histórias, no fundo mais ou menos verdadeiras, as caricaturas avivam os traços do desenho, desfiadas dos manuscritos, ouvidas a vizinhos e amigos, vistas ao pé, formam um grande romance, esse verdadeiramente histórico, que tem de consultar-se, um dia, como uma das fontes mais seguras de informação dos caracteres e costumes da vida portuguesa, marcadamente em alguns quartéis dos séculos XVIII e XIX. Com a singularidade e espontaneidade da vida chã, um dos vincos da sua feição literária, remonta-nos às paixões em que se debateram nossos avós — e se levantam ainda espectralmente de nosso coração. Sentimo-nos em outras figuras de outros tempos, caminhando e detendo-nos numa paisagem velhinha, com seus conventos e solares, fidalgos, burgueses e rústicos, que se mexem em suas ocupações, transitam seus destinos, irriçam suas cóleras tolas, penam seus duros fadários, poeira de vidas arrastadas no tufão. E conhecemo-nos na nossa gente, como se ouvíssemos de pessoa idosa, por noites de serão, narrativas familiares de nossos antepassados. O sentimento dramático do amor português, genuinamente escrito e contado ao sabor português. Vemo-nos e lemo-nos ali dentro. O livro de Camilo é muito assim o nosso livro, o do nosso amor romântico.

Tem realmente de reconhecer-se enorme o poder do seu génio para que não ficasse miseravelmente empadado na carrejada grossaria de comentários com que andam tam solititamente a construír-lhe o monumento da perpetuidade gloriosa!...

Mais tarde, quando nos tornamos a apegar a Camilo, admiramos então mais detida e reflexivamente o maravilhoso poder da sua expressão verbal. Ponto sem discrepância: «o estilo de Camilo, a prosa de Camilo, o modo como Camilo escrevia!» Muito justamente se ficou considerando como um dos maiores mestres da língua. Escusamos de a turiferar como sempre perfeita. Nem sempre, em Camilo, há elegância e facilidade. Em pontos, o enevoadado do pensamento, coisa comum, vem traír-se no moroso arrasto e emaranho da prosa; noutros, em delírio, perturba-se e descai quando se alteia. Pisa e repisa, interrompe-se e corta, distraído, tedioso, alheio; ata e desata apressado. As más, senão forçadas, condições de trabalho garram na feitura de certas obras, poucas — e não porque não fôsse um improvisador prodigioso, muito raro. Com o tempo, e Camilo escreveu durante muitos anos tendo começado novíssimo, o aperfeiçoamento é tam natural como evidente, revestindo modalidades as mais notáveis. Tem passagens, livros inteiros, e sem o mais pequeno descambo, de uma execução feliz, embora correntia e sôlta, de viva originalidade, cheia de côr e pitoresco, onde o seu génio marca a plena eflorescência, que serão eternamente moços e eterna glória da nossa literatura; mas, em certos, períodos menos coloridos, de prosa simplesmente correcta, levam monotonamente a acção ao desfecho.

Sem dúvida a expressão camiliana, muito portuguesa como o sentimento em que se funde, marca como um dos mais característicos monumentos da nossa literatura. Atinge, não raro, o sublime — a beleza da arte. Já chalharam que não fôra Camilo um artista — e não mete pena ouvir tais sandices? Adiante. Saborosa, pitoresca, variada, flexível e riquíssima. Camilo, tratando as mais desencontradas paixões em meios opostos e vários tempos e figuras diversas, adaptou-lhes sempre a linguagem devida, sem esforço, no uso das suas magníficas faculdades de reconstrutor. Era o gra-

cejo, a súplica, o sarcasmo, o choro, o repêlo, a cólera, a polémica, o namoro... Neste ponto, é de dizer-se que êle fazia o que muito bem lhe apetecia da pena, do estilo, do vocabulário, com o mesmo viço, a mesma naturalidade, a mesma apropriação admiráveis.

Eça de Queiroz exaltava-o como «ardente Satírico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente e o mais rico sarcasmo popular», lamentando que às molinas proporções da descompostura e da vernaculidade houvessem reduzido a larga individualidade que nos dera o *Amor de Perdição*. Para Fialho de Almeida os desequilíbrios da função nervosa de Camilo, a mobilidade de carácter «deu-lhe o condão de forjar a obra prima de um jacto, com todos os sintomas dum retalho de vida palpitante; de modelar almas tam diversas e tantas, numa prosa plástica como a cera e numa língua rija como o bronze.... prosa de Vulcano, batida na forja dos coriscos e dos raios, onde só as asperidões e rudezas da antiga linguagem se entrelaçam às graças subteis do mais refinado moderno.... instrumento vivo e acirante de um espírito de artista, que, por profundo e múltiplo, houve mister, como os órgãos das catedrais, de exprimir por tubos de cobre a potência orquestral da sua voz.» Manuel Múrias acertadamente comenta que «se não existisse em Camilo um subtilíssimo instinto artístico, não seria decerto a erudição lingüística que havia de fazer dêle o grande escritor que foi. Camilo a-par de profundos conhecimentos lingüísticos possuía no mais alto grau o sentido da frase que lhe permitiu a construção do seu estilo tam formoso, brilhante e variado. Scintilante como nunca houve outro na língua portuguesa, vejam se é possível recolher aí mais variado estilo. Grácil e levíssimo quando traçava um diálogo ou redigia uma carta, impetuoso na polémica, a refulgente de tôdas as cambiantes da ironia; rápido e fugaz nos descritivos, — sempre maravilhosamente adequado, preciso e natural. Na paisagem, e não foi Camilo um paisagista intencional — usou sempre as tintas sóbrias que dão a ideia visual, sem fatigarem pela acumulação do descritivo.» «As figuras de Camilo, dizia João de Meira, ao envés do que alguns dizem por não sabermos o que dizem, vivem uma vida intensa, palpável, quasi real, quando não passaram efectivamente no mundo, o que muitas vezes aconteceu, com as frases, os gestos e as fortes paixões que Camilo lhes descreveu.»

A expressão camiliana é assim não meramente vernacula e erudita, mas amassada no próprio génio do escritor, dirigida pelo sentimento artístico do ro-

mântico, nervosa e límpida, sarcástica e lacrimosa, caricatural e sóbria, harmonizando-se perfeita e inalte-ravelmente ao estilo do assunto e ao carácter das figuras. A espontaneidade, que a conserva e perdura na mesma seiva fresca da hora em que a traçou, é em Camilo um primeiro dom congénito. Mas êle cuidava-a, mesmo que naturalmente lhe brotasse, com o muito e insatisfeito carinho do verdadeiro escritor. Ia-a enriquecendo, vasando, esculpindo com os conhecimentos adquiridos, as suas luzes de aprendiz de medicina, as suas excursões pela teologia, a leitura usual dos clássicos, as tabelionices dos velhos documentos, as suas conversas com a gente antiga, a roda dos companheiros, o trato das mulheres e o falar do povo, com quem tam de perto a cada passo se encontrava e para cujo meio foi viver, tracejando aí alguns dos seus melhores quadros.

O povo foi para Camilo um clássico. Em sua pobreza a gente da aldeia não perde migalha do modo de dizer, guarda-o com o sabor antigo, renasce-o com uma viveza picante. Da influência popular na expressão camiliana apontavam-se muitos exemplos. Alguns, tomados apenas em poucos livros, mostram como atentamente êle se serviu das locuções, modilhos e vocabulário popular, como os transformou com seus conhecimentos da Língua, dando-lhe feições novas, imprevistas e curiosas, e quanto lugar ocupam na sua obra e na sua opulência verbal:

Casou com a mais desbragada polha que deu a Maia («Os Brilhantes do Brasileiro»); *as récovas das vitualhas* («O Regicida»); *a cabeça já não atrema* («A Filha do Regicida»); *dias-áfios... motrêcos de palha abetumada... retraço de palha seca* («Vulcoens de Lama»); *sem comer bocadinho de pão nem beber sede de agua* («O Senhor do Paço de Ninães»); *as estrigas do cabelo estupentudas... azavam-se-lhe as coisas... estylo fraldesco e apopletico* («O Esqueleto»); *era prodigioso em taboada e bastardinho* («O Cego de Landim» — «Novellas do Minho»); *bem assoada de viçosa alface... destramavam a esterilidade umas lercas* («Coisas espantosas»); *atalaiar uma caixa de pinho* («Memorias do Carcere»); *levados á sirga pelo seu colega* («Quatro horas innocentes»); *não engulo araras...*

amantaram-se de baetas... dava alor aos bois... não me atrigo com isso... o passadio duma familia... estrallada de foguetes... andar no trinquê... afocinhar alguém... ingrampava beatas («O Snr. Ministro»); e os olhos turgidos e encarniçados como dois medronhos bravos («A Filha do Arcediago»); andava anazado e arganaz, e engordou assim que pôde rossar dous carros de matto («Vinte horas de liteira»); ao cabo de contas... os cães estrinçam-se uns aos outros... se arreava de ouro... físgam a moça incauta («A Brasileira de Prazins»); estofa de flannels o peito... viu a esperança ao través das lagrimas («A Caveira da Martyr»); a poesia sahe tolhiça e estrangeirada... fugiu a unhas de cavalo... mãos grifanhas... e fez-lhe ao pescoço tamanho fendente... expede um grito estridente como o do ujo... encampar o logro («Cousas leves e pesadas»); assolipado por uma gebada («Duas horas de leitura»); relamboia bravata... mulher gorda, façuda, e frescalhona... o repontar da madrugada... insartadas umas noutras... todos os calculos lhe saíam invezados... ferrolhadas portas... ajoujada á carroça... couliçar com a tenaz o brasido do fogão... arraiada de luz celestial... abolar o craneo («No Bom Jesus do Monte»); desapoderado galope... joelho esnocado... por esse pedrisco abaixo... dictos atabalhoados... cobre tal fastio... enfolhar das arvores... — Eh! pezenho! não te traves... apeíaram na testada da estalagem... atavões das ferroadas do moscardo... não me fales á mão... o pae, muito mano com ela... e se tu não te dás disso... mal pecado que fosse... esta mulher tem pedra de sevar... despiédada mulher... cavalos revessados em upas e galhardos trancos... cara amaleitada... frases amoriscadas... manhã estíva da sua mocidade... a desgraça acalcanhar... retorquiui estomagado... pescadinha marmota escalada... olha a somelga!... uma noite passadoura é... avós façanhosos e denodados... o cavalo despara... que hão de vir cabidamente... atabafado de riso («O Santo da Montanha»); apossara-se ladravazmente de um cavalo... e montando a garrana... desquadrilhavam as cinturas abaixo das ancas com o chapeo arriado sobre a nuca («Maria da Fonte»); as mãos esparramadas no ventre... ajoujei-me, pois, na canga deste pe-

dagogo... alçapremar o intellecto... regamboleando a perna... embaçadela á curiosidade publica («A Bohe-mia do Espirito»); n'este comenos... gargalçou da borracha... ter juizo n'esses cascos... receitou-lhe não sei que barzabum de charopadas... andar ao lambisco («Maria Moysés» — «Novellas do Minho»); farejavam-n'a, tanto á inveja, que a rapariga... golosinas que os velhos apresigam com broa... quando o leigo o teve pelo habito e tirou dentro... gesto de remessar-se... cabellos arriçados... se nos apropositara o lanço... desprendendo-se a repellões dos braços... com a pancada feita... desgallar com uma fouce o tapigo das silvas e azevinhos... impem os sabios de topete suado... cerração da polvorada... a velhice areou-lhe o juizo... cancaburrada bravia... a gente dá de rosto... passava o mais das horas... esteve onde a ela?... na bucha do braço... pondo o pé á facala... a gente rebenta senão desempacha a raiva... entrou-se de grande tristeza e paixão... não lhe alvidrou o modo... estou para pouco d'esta vida em que vos deixo... são horas de entrourar para a grande viagem... «Era, como diz a gente das nossas aldeias, «passar», vocabulo sublime que nos vem de algum superior espirito que o achou assim nas suas lucubrações sobre o mysterio da immortalidade, e os latinos o perfilharam para o enthesourarem depois os christãos.»... («A Bruxa do Monte Cordova»).

Será fadigoso e inútil prolongar o exemplo: as provas multiplicam-se de quanto a expressão popular anda vincada na expressão camiliana, e lhe dá vivacidade, colorido e precisão, convertida em certos lanços num verdadeiro tom vernáculo e acrescentada assim ao escrever dos clássicos, que Camilo profundamente cultivava e donde extraía também maneiras enriquecidas no carinho do seu tratamento e reforjadas em novidade na sua tèmpera. Estão aqui centenas de vocábulos que são o comum da lexicografia do grande mestre e atestam conjuntamente a mais a revivência popular na forma brilhantíssima do seu estilo. A cada passo e em cada livro vamos topando — *abrasedo*, *alanzoar*, *altcantinas*, *alifafes*, *atreito* (era *atreito a*), *aguerrir* (lhe *aguerrira* uma segunda natureza), *algavaras*, *atauxiar* (*atauxiando* a historia com alegorias), *alarvejado*, *almofaçar* (e *amantar*), *ásuas*, *aver-*

rumar, atabafado, atuchado (e atuxado), agarrochado, alfaiado, afarfarhar, agadanhar, aprosar, alvidrar, apostura (compostura), agorentar, alvorejar, arruador, afrentar-se, atrigar-se de, afuzilar, atarantação, amaltar, aventesma (e abantesma), acardumar-se, abarbado, arrefentar...; barrado (vens barrado), bamboar, basquinha, bisalho (bõs bisalhos de diamantes), barganteria, bravejar...; chirinola, carregar, chêdas (do carro), chapotar, conjuro (esconjuro), compartilhar, cepilhado, complanar, contributario, cutiquê, concubinario, chofrar (chofrando na água), casalejo, carpintijar, caibrada...; despapado, desbordar, desar, desvaliar, desempaçado, descaridoso, detrahida, descodear, destamar, desapeirar, desarrufar, descadeirar...; enfumaçado, esbamboar, esmurraçar, esbofado, encanudar (encanudar os lábios), esmoncar, esfandegaçar, enrocada (a camisa enrocada), espetinado, esgadanhar, enxovêdo, enlçamento, edulçorar, embetesgar, empeço, escampado, escarolar (escarolava a caspa), esquecidiço, entralhar, estrouvinhado, esvairado, enxurdeiro, espulgar-se, envazadura (da porta), espipar, encalamistrar, estouvado, escomilha, esganitar (esganicar-se), esgaravunchar, esnoga, esgarado, esmichar, escudrinhar...; farfante, figuracho, fragaria, fraquear, ferocia, fluminar, fadejar, fundilhar, faricar, ferragoulo...; gdsmar, gasalhosoamento, galear, graceta, gargalaçar...; immagrar, ingranzéu, ingrezia, impeticar com, ingrampar, incarapitado, ingarilho, incomponível, intupir, imputrecível, implicância, incasquetar, intanguido, ingranzar (ingranzava as contas das camaldulas)...; jarretar...; ladroar, ladravaz...; maltrapido, miudaria, medradamente, murmurejo...; á ourela de...; perlengas, pelas de laia (as meias sujas esbeijando pelas de laia), pescanso (e pescanço), parvoejar, pendurelho, pachuchada, profalças (parabéns), pandanga, palhiça, putrilagem, pigarreira, pandorga...; quinchoso, quintalejo...; roaz, reportadamente, raparigaça, redoça, resolidamente, relamboria, relamboia, requesto, regogo, remoquear, rorejar, revicar, relêgo (descanço), regambolear...; suarento, surpresar, santimonia, sovinnaria, sisudesa, sincar, solfraldar, serguilha, sopitar (sacudiram a mulher sopitada), socavar, suspicaz, sostra, sedeúda (sedeúdas pestanas), segada (cegada, ceifa)...; trinque (andar no trinque), travessear, truquilheira, telejar, terminos (em terminos de), tartamudo, tezo (alto, cumieira), trupar, tosquenejar, tolhiço, torteira (travessa do cozido)...; vegada, vezo (ser vezada), velhorra...; zaran-dalhas...

Assim, desfiados e sôltos, locuções e vocábulos perdem todo o valor que o subtil engenho de os en-

xadrezar na prosa lhes havia dado. São como as sêdas dos vestidos e as jóias dos colares, amontoadas numa gaveta, que não conseguem reviver-nos a beleza plástica da mulher que um dia as trouxe. Porque demais Camilo não entrouxava, como hoje se usa, à toa, descabidamente, numa farfante dicionaresca, o palavrório soante ou pitoresco. O termo vinha com a espontaneidade do seu propósito, tinha a alma do lugar, era a nota da luz na paisagem, a própria expressão natural do diálogo, sem artifício. Uma das dificuldades com que luta quem se quiser dar ao trabalho de lhe estudar o vocabulário, provém até de, a miúdo, e mesmo em leitura atenta, não dar pelo termo, digno de registo, tanta é a beleza da frase a esconder a propriedade das palavras.

...E é isto — metendo-se uma pessoa a falar das suas viagens, mesmo que elas sejam as da leitura, parece que anda a légua da Póvoa, porque nunca mais acaba!

Setembro de 1925.

EDUARDO D'ALMEIDA.